

NOVA ASSOCIAÇÃO FITOFOSSILÍFERA DO GRUPO ITARARÉ NO RS E SUA IMPORTÂNCIA BIOESTRATIGRÁFICA

Iannuzzi, R.¹; Tybusch, G.P.¹; Roesler, G.A.¹; Frank, H.T.¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma nova associação de megarrestos de vegetais fósseis, identificada na localidade do Cerro do Chapéu, situada ao sul da cidade de Cachoeira do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, região sul do Brasil. As amostras contendo restos de plantas foram coletadas na porção mais superior do Grupo Itararé, considerada de idade eopermiana (Sakmiano tardio), que se assenta discordantemente sobre os gnaisses tonalíticos do Complexo Gnáissico Arroio dos Ratos (Paleoproterozóico) nesta localidade fossilífera inédita. Nesta região, os depósitos do Grupo Itararé ocorrem regionalmente como restos de uma “Bacia Residual” que capeiam em discordância angular os gnaisses subjacentes, sendo constituídos de conglomerados, arenitos conglomeráticos, arenitos finos a grossos, siltitos e argilitos. Os megafósseis vegetais ocorrem em siltitos finos, brancos a cinza claro, que formam camadas com até 10 cm de espessura e apresentam laminação plano-paralela incipiente, sendo compostos por quartzo e argilominerais, principalmente caulinita. Esses siltitos são interpretados como tendo sido gerados nas margens de um corpo d’água em ambiente lacustre. Os espécimes aqui analisados, preservados sob a forma de impressões, substanciam uma nova associação amplamente dominada por morfotipos de folhas referentes ao morfogênero de glossopterídea *Gangamopteris*. Até o momento, apenas uma amostra havia desta localidade havia sido estudada, dando origem a uma nova espécie nominada *Gangamopteris sulriograndensis*. A determinação de uma nova espécie a partir de uma única amostra chamou a atenção para o provável potencial fitofossilífero da localidade do Cerro do Chapéu. Deste modo, foi realizado um trabalho de campo a fim de coletar uma maior quantidade de material. Desta coleta recente, foi possível a identificação de novos elementos florísticos, a saber, folhas preliminarmente classificadas em *Gangamopteris obovata*, *G. buriadica* e *G. cyclopteroides*, além de espécimes atribuíveis à *G. sulriograndensis*. Secundariamente, foram identificados caules e ramos foliares de esfenófitas, identificados respectivamente como *Paracalamites australis* e *Phyllothea australis*. Deve salientar-se, a completa ausência de folhas do tipo *Glossopteris* na associação. Para a Bacia do Paraná, em termos composicionais (domínio de folhas de *Gangamopteris* e restos de esfenófitas), a única outra associação comparável é aquela registrada para o topo o Grupo Itararé do município de Cerquilha, em São Paulo. Devido à ausência do morfogênero *Glossopteris*, a Tafoflora de Cerquilha é considerada mais basal ou antiga na sucessão florística da Bacia do Paraná, o que torna a associação e a localidade do Cerro do Chapéu a primeira conhecida e comparável para o topo Grupo Itararé em áreas do sul da bacia. Deste modo, esta nova associação pode auxiliar na correlação de depósitos localizados entre áreas distantes da margem da bacia, e sugere uma contemporaneidade entre os estratos da porção superior do Grupo Itararé do Rio Grande do Sul e São Paulo, como já proposto pela palinologia, incrementando assim as correlações intra-baciais. Em termos do zoneamento fitoestratigráfico estabelecido para o Rio Grande do Sul, a associação do Cerro do Chapéu acrescenta novos elementos à fitozona mais basal, a Subzona *Gangamopteris obovata*.

PALAVRAS-CHAVE: FITOESTRATIGRAFIA; GRUPO ITARARÉ; PERMIANO INFERIOR.